



SELMA RODRIGUES SANCHES

04.MARÇO.1969 - 07.ABRIL.1985

“Reconfortou-me muito. Não consigo expressar o quanto me senti feliz naquela noite. Impressionou-me a citação de minha irmã Amália, pois nunca havia falado dela; tive nove irmãos que desencarnaram muito cedo, e era difícil decorar o nome de todos.

Mas foi bom saber que sua mensagem ensina-nos o que significa o suicídio. Sentimos que ela desestimula quem procura tal caminho, na ilusão de que os problemas e as amarguras cessarão.

Agradeço aos bons irmãos Chico Xavier e Eurípedes, através dos quais me foi possível receber a mensagem, que tanto esclarecimento e conforto trouxe ao meu espírito.

Que Deus os abençoe.

(JÚLIA RODRIGUES SANCHES)

Selma nasceu e desencarnou em Santo André (SP).

Filha de D. Júlia Rodrigues Sanches e Nalmio Ribeiro Sanches, deixou, entre nós, também, a irmã Telma Rodrigues Sanches de Souza, casada com Eduardo Paulino de Souza.

Cursava o supletivo, 1º grau, na ocasião de seu regresso à Vida Espiritual.

Mãezinha Júlia, abençoe-me.

Eu não saberia descrever as minhas impressões de horror, depois de haver feito levemente a tentativa de tiro com a arma que me desapropriou a existência terrestre.

Estou aqui, acompanhada pela Tia Amália Sanches¹ que vem assumindo diante de mim o papel de generosa mãe, suportando sem qualquer censura a inconseqüência do meu gesto.

Acontece que naquele dia infeliz comecei a pensar no casamento da Telma e deixei que a melancolia se me apossasse do íntimo. Senti o gosto amargo da solidão antecipadamente e perdi grandes oportunidades de aprendizado, aqui com a agravante de adquirir o remorso que me enegueceu para a trilha da aurora.

De que modo me descartarei dos sofrimentos, que eu própria, impensadamente, instalei por dentro de minha alma, ainda, creio, não sei como fazer.

1 - Amália Sanches - irmã de D. Júlia, desencarnou há mais de 40 anos.

O Eduardo não teve qualquer culpa. Eu própria vasculhei recantos e gavetas, até encontrar a arma que me pareceu uma jóia admiravelmente talhada.

Experimentá-la foi o meu grande desastre e desconheço de que maneira iniciarei o meu esforço de rearticular o meu próprio controle.

Pedir perdão aos queridos pais, à irmãzinha e ao nosso amigo que nos honra a família, a meu ver, é a primeira medida para expungir a sombra que se condensou por dentro.

Preciso pensar nas causas de minha tristeza congênita, de meu desinteresse pela existência, o que significa, aos meus olhos, desrespeito às Leis de Deus.

Não tenho ainda visão ampla, capaz de senhorear os quadros que me cercam. A querida tia Amália Sanches é que se me fez o guia para movimentar-me.

Perdoe, Mãezinha Júlia, a sua filha que se deixou dominar pelas influências infelizes que me rodearam, como que me impelindo ao gesto fatal.

Sofro muito, em conseqüência de minha inadaptação à vida. E a verdade é que a vida na Terra era a melhor escola de que poderia dispor, a fim de chegar aqui sem problemas constrangedores que me arrasam as energias.

O suicídio é uma calamidade para

quem o pratica, de vez que suscitado por nossas próprias mãos o processo de sofrimento, não conseguimos prever o ciclo de provações a que teremos todos os sentimentos aprisionados numa rotina em que diariamente se nos refaz o martírio.

Perdoem-me em casa se lhes falo com esta linguagem da angústia. Não tenho outra para expor o meu íntimo carregado de frustrações. Ainda assim, espero em Jesus que jamais nos abandona.

Agora que me entrego à oração com todas as minhas forças, reconheço que recusar a vida que Deus nos concede é uma lesão da própria vida em nós e isso me aflige e quase me faz desesperar ao mesmo tempo.

Mãe, a tia Amália Sanches tem me falado de obsessões que nos seguem através de longas fases de nosso caminho e compreendo que fui vítima da cilada que me armaram, mas não quero isentar-me da culpa que se faz em mim complicado processo de perturbação e dor.

Peço-lhes vibrações de paz, a fim de que me tranquilize tanto quanto possível para refletir em recomeço do meu adestramento em resistência espiritual, porque já entendo que regressarei à Terra para transitar em caminhos iguais à estrada que abandonei indevidamente.

Em suma, desejo ao seu coração querido e a todos os nossos entes amados a felicidade

de que ainda não tenho para mim e compareço ante a família que me deu tanto amor, à feição da mendiga de afeto e compreensão em que presentemente me tornei.

Espero melhorar-me. Deus, que a ninguém menospreza, me renovará as energias para que me reencontre.

Muito amor para Telma. Meus pensamentos de ternura e carinho para o Marcelo² que se me faz agora um credor de minha mais alta gratidão.

Muitas lembranças para a nossa casa que tornei quase infeliz, e agradecendo a sua bênção que me refaz a esperança de melhores dias, sou, com meu pai, como sempre, a sua filha, mais sua por ser aqui o coração desolado que lhe pede continuar sempre, nas orações de necessária renovação.

SELMA RODRIGUES

17.MAIO.1985